

40 ANOS DE SERVIDÃO  
(1979)

# ODE A RICARDO REIS

## AS ROSAS BREVES

**Jerónimo Pizarro\***

Coube-me escrever sobre um poema do jovem Jorge de Sena publicado postumamente, como tantos, aliás, de Fernando Pessoa: a “Ode a Ricardo Reis”, de 8 de abril de 1942, poema revisto em 1947, ano em que Sena fez 28 anos. “Diáfana” e “Fingimento”, poemas de 1938, seriam outras opções de ressonâncias pessoais.

O poema seniano de 1942, editado pela primeira vez em *Quarenta anos de servidão* (1979), evoca alguns poemas ricardianos em que figuram rosas, sendo um dos mais conhecidos “Coroa-me de rosas”, que Mário de Sá-Carneiro destacou de um conjunto inicial de 11 odes, que Pessoa, em resposta a uma carta de 23 de junho de 1914, lhe deu a conhecer, referindo-se assim à composição: “essa tão pequenina, tão graciosa”. Essa ode, datada de 12 de junho de 1914, foi revista para a sua publicação na revista *Athena* e mudou bastante. Sá-Carneiro conheceu a primeira versão; Sena a segunda:

Coroae-me de rosas  
Coroae-me em verdade  
De rosas.

Quero ter a hora  
Nas mãos pagamente  
E leve,

Mal sentir a vida,  
Mal sentir o sol  
Sob ramos

Coroae-me de rosas  
E de folhas de hera  
E basta.

Coroae-me de rosas,  
Coroae-me em verdade  
De rosas –

Rosas que se apagam  
Em frente a apagar-se  
Tam cedo!

Coroae-me de rosas  
E de folhas breves,  
E basta.

Não sei se já foi fac-similada a primeira versão da “Ode a Ricardo Reis”, mas talvez com os poemas de Sena devamos ter o mesmo cuidado que com aqueles de Pessoa: confirmar se não existem testemunhos múltiplos ou, simplesmente, novos poemas a partir de poemas antigos. Numa nota de Mécia de Sena (em *Quarenta anos de servidão*) relativa à ode, que aborda a questão das duas versões do poema, lê-se que a primeira cópia foi enviada ao *Mundo Literário* (não é claro em que altura, mas talvez em 1947) e que a segunda, “com a data de 1947”, reapareceu depois de 1982. O segundo verso, que era (cito a Mécia) “porque é da pura ode oferecer rosas”, terá mudado para “porque é das odes oferecer rosas”. O curioso é que no livro esse verso está fixado assim: “porque é da ode of’recer rosas”. Qual foi a lição que seguiu a Mécia?

Mas se eu brevemente pensar em rosas e em Reis, também sou obrigado a pensar noutro poema de antologia, “As rosas amo dos jardins de Adonis (11 de julho de 1914), também publicado na *Athena*, desta vez com poucas alterações; e num poema que perturbou muito José Saramago, “Prefiro rosas, meu amor, à pátria”, que Sena não conheceu inicialmente – foi escrito em 1916 –, mas que terá lido no volume póstumo *Odes de Ricardo Reis* (1946), da Ática.

O certo é que não é difícil associar a Reis as “rosas breves” e talvez o volume de 1946 tenha levado a que Sena revisitasse o seu poema de 1942.

Ora, as rosas senianas são “raqúticas” e podem criar, diz a ode, em Reis “novo desdém”. Não são rosas para Reis, numa espécie de paganismo esteticista, se coroar e alhear; ou para sonhar com a imortalidade; mas para aventar “a hipótese da morte inglória” e para valorar a fragilidade das mesmas.

As rosas ricardianas são símbolo da fugacidade. Todavia, circundado de rosas, com uma grinalda na testa branca, Reis parece a figura de um quadro ou de um retrato digno de Dorian Gray. Só que Reis não quer desafiar o

tempo que foge e sabe, com Horácio, que a beleza é passageira, que uma rosa ou uma profusão de rosas não são eternas.

Sena parece oferecer a Reis as rosas que este pede, mas umas em que não há plenitude nem perfeição, mas raquitismo.

Como disse Gertrude Stein, e podia ter dito Alberto Caeiro, “*A rose is a rose is a rose*”. Mas depois de Stein as rosas voltaram a ser vermelhas e depois de Sena passaram a ser também raquíticas.

---

\* Professor da Universidad de los Andes (Bogotá, Colômbia).